

Em defesa da causa africana: os intelectuais e o campo cultural

In Defense of the African Cause: Intellectuals and the Cultural Field

Thiago Henrique Sampaio¹

thiago.sampaio92@gmail.com

<http://orcid.org/0000-0001-9423-8949>

CARVALHO FILHO, Silvio de Almeida; NASCIMENTO, Washington Santos (Orgs.). 2018. *Intelectuais das Áfricas*. Campinas, SP, Pontes Editores, 479 p.

Na década de 1990 tivemos o início dos Estudos Africanos aqui no Brasil. Anteriormente, as pesquisas que se desenvolviam a respeito do continente africano estavam relacionadas com as questões do tráfico atlântico, da escravidão e do processo de pós-abolição, demonstrando um forte alinhamento com a História do Brasil. A partir da lei 10.639, em 2003, que aprovou a obrigatoriedade dos estudos de História e Cultura Africana, Indígena e Afro-Brasileira, aconteceu um aumento de pesquisas nessas áreas em diversos centros universitários nacionais.

Diversos pesquisadores surgiram, grupos de estudos, livros e publicações foram feitos devido ao incentivo que a nova lei permitiu à área de Africanidades no país. Sabemos que com a promulgação de uma legislação acontece o surgimento de um aparato institucional e financeiro que permitiria dar suporte às novas demandas que esse campo de estudo necessitava. É a partir dessas perspectivas de expansão da área de Estudos Africanos que se encaixa a obra *Intelectuais das Áfricas* organizada por Silvio Carvalho e Washington Nascimento. O livro foi originalmente publicado no ano de 2018 pela Pontes Editores e, devido a seu sucesso, ganhou uma nova edição em 2019 e uma publicação em Angola pela Cheila Editores em 2020. O livro encontra-se dividido em um prefácio escrito por Renato Nogueira, uma apresentação feita por seus organizadores, discutindo o campo da intelectualidade em África, e na sequência 14 capítulos que trazem importantes figuras do continente africano e as considerações finais dos idealizadores da obra.

Logo em seu título percebemos que os organizadores trouxeram a pluralidade ao empregar a palavra “Áfricas”, demonstrando a complexidade, as diferenças regionais, sócio-históricas e culturais existentes no continente africano. Além disso, ao trabalhar com o conceito de intelectualidade, ele foi alicerçado em uma longa tradição de estudos que buscaram definir o que, afinal, são os intelectuais.

Para tentar responder essa pergunta, buscaremos respostas na historiografia sobre o tema e como o livro trabalhou tal conceito. Segundo as autoras Ivete Walty e Maria Zilda Cury (2009, p. 223), a palavra intelectual ganhou

¹ Doutorando em História. Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”. Faculdade de Ciências e Letras de Assis. Av. Dom Antonio, 2100 - Parque Universitário - Assis/SP

notoriedade quando o escritor Émile Zola tomou a palavra para defender Alfred Dreyfus em finais do Oitocentos com o famoso manifesto *J'accuse!*. O conceito adquiriu assim seu sentido moderno, que remete àquele que toma a palavra nos espaços públicos e coloca a defesa dos valores de justiça, igualdade e direitos acima das razões do Estado.

Nessa abordagem, de acordo com Augusto Silva, a ideia de intelectual moderno nasceu com a intervenção do autor Émile Zola no caso Dreyfus, sendo ele a figura que brotaria do campo cultural e se projetaria na área política. Assim, o manifesto *J'accuse!* seria o momento fundador dessa transição em que valores do campo cultural são aplicados em espaços públicos. Para Augusto Santos Silva, a condição do intelectual foi alicerçada em três pilares: a crítica, a independência e a diferença. A independência exigiria o distanciamento que o intelectual deveria ter para politizar os seres não políticos. A crítica, por sua vez, remete à capacidade do intelectual para apontar possíveis desvios e abusos daqueles que exercem o poder e a diferença de percepção com a realidade em seu entorno. (2004, p. 39-42)

As ações e falas públicas seriam atividades primordiais na atuação intelectual moderna, pois assumiriam a defesa das causas universais e a transgressão para com a ordem social existente (Chauí, 2006, p. 20). A partir dessas considerações, podemos evocar o conceito de intelectuais orgânicos de Antonio Gramsci. Segundo o filósofo e pensador italiano, esse conceito é caracterizado por aquelas figuras que não podem se restringir à eloquência da sua produção cultural, mas devem se colocar ativamente na vida prática de sua sociedade (1979, p. 161).

Como assinalava Pierre Bourdieu a respeito do aparecimento dos intelectuais, eles surgiram historicamente no momento de ultrapassagem da oposição entre engajamento e cultura. Esses produtores intelectuais, para evocarem o título de intelectuais, tinham que ter duas condições importantes: pertencer a um campo intelectualmente autônomo e independente dos demais poderes (político, econômico, religioso e outros) e demonstrar sua autoridade numa atividade exterior ao campo de sua atividade enquanto intelectual. Entretanto, deveriam permanecer como produtores culturais sem se tornarem políticos (1989, p. 99).

Devemos compreender que os intelectuais buscaram representar e ser representantes do seu povo, denunciando as atrocidades cometidas contra este e os usos e abusos de poder em nome de uma legalidade. De acordo com Edward Said (2005, p. 53),

A essa tarefa extremamente importante de representar o sofrimento coletivo de seu próprio povo, de testemunhar suas lutas, de reafirmar sua perseverança e de

reforçar sua memória, deve-se acrescentar uma outra coisa, que só um intelectual, a meu ver, tem a obrigação de cumprir. Afinal, muitos romancistas, pintores e poetas [...] encarnaram a experiência histórica do seu povo em obras de arte, que, por sua vez, ficam reconhecidas como obras-primas. Nesse sentido, penso que a tarefa do intelectual é universalizar de forma explícita os conflitos e as crises, dar maior alcance humano à dor de um determinado povo ou nação, associar essa experiência ao sofrimento de outros.

A partir dessas reflexões preliminares, percebemos que o intelectual é o sujeito que toma a palavra para conscientizar seu povo e sua comunidade das mazelas sociais, políticas, religiosas e econômicas de que são vítimas e buscaria projetar e teorizar sobre novas formações em sua sociedade. Ao longo do livro *Intelectuais das Áfricas*, nota-se que os autores buscaram trazer essa aproximação entre os intelectuais, sua comunidade e seu povo.

Nos capítulos da obra, os organizadores convidaram diversos pesquisadores da área de Estudos Africanos e apresentaram em cada seção uma figura da intelectualidade do continente africano. Ao todo, são apresentados aos leitores 14 intelectuais das Áfricas e abordados sua trajetória intelectual, seus aportes teóricos, metodológicos e como a historiografia sobre eles se desdobrou nas últimas décadas.

Renato Nogueira, no prefácio da obra, assinala a importância dos intelectuais para o estudo do continente africano e a leitura destes pensadores africanos, para diversificar nossos aportes teóricos e metodológicos além dos pensadores europeus e norte-americanos. O desenvolvimento dessa ação permitiria revitalizar a África enquanto território intelectual e pôr em destaque o protagonismo de africanas e africanos para a construção de suas próprias histórias.

Na apresentação escrita pelos organizadores, chamada de *Intelectuais das Áfricas. Aproximações*, é retomada uma importante afirmação de Ki-Zerbo que está na coleção *História Geral da África* desenvolvida pela UNESCO: a África tem histórias. Os idealizadores do livro apresentam suas concepções de intelectuais mostrando que, para eles não são apenas pessoas que façam produção escrita, mas que tomam suas práticas cotidianas como intelectuais. Vale destacar que os intelectuais africanos buscaram articular projetos globais com suas histórias e trajetórias locais. Além disso, procuraram mostrar para a opinião pública seus posicionamentos sobre o colonialismo, a luta de libertação nacional e as questões do pós-independência em África.

No capítulo escrito por José Rivair Macedo é abordado Achille Mbembe. Para o autor, a escolha desse intelectual para apresentar sua trajetória se deve à ine-

xistência de livros de sua autoria traduzidos no Brasil. Macedo ressaltou a influência deste pensador para entender a situação emergente dos Estados Africanos no pós-libertação nacional e os impactos que o colonialismo teve em seus territórios até os dias de hoje. No século XXI, Mbembe é um importante teórico dos campos das teorias pós-coloniais, decoloniais e dos estudos de subalternidade, e o espaço conquistado pelo autor no meio acadêmico se expandiu nos últimos anos.

O filósofo Valentin Mudimbe é o próximo pensador abordado na obra e tem sua trajetória escrita pela historiadora Regiane Augusto de Mattos. A autora apresenta a trajetória do intelectual da República Democrática do Congo e suas críticas ao caráter essencialista do Movimento Negritude e do relativismo cultural. Mudimbe, ao longo de sua vida, mostrou que a África era uma invenção epistemológica e defendeu que todo o conhecimento produzido sobre o continente era estritamente controlado pelos procedimentos elaborados por europeus.

O segundo filósofo apresentado no livro é Paulin Jidenu Hountondji, no texto escrito por Itamar Pereira de Aguiar. Esse pensador nasceu em 1942 na Costa do Marfim e sofreu forte influência do pensamento de Derrida e Althusser. Seus escritos buscaram criticar os movimentos revolucionários e as ditaduras militares que se instalaram no continente africano no pós-independência. A partir de suas reflexões dentro de uma filosofia africana, começou a questionar em que medida são africanos os Estados Africanos após o colonialismo.

Murilo Sebe apresenta o intelectual Malek Chebel, que era natural da Argélia e em seus estudos quebrou os preconceitos existentes entre a relação cultura árabe-islâmica e as noções desenvolvidas pelo Ocidente da modernidade. Para esse pensador, o islã é uma marca identitária que possui suas raízes tanto no Ocidente quanto no Oriente e, mesmo com a existência de seus tabus culturais, há uma compatibilidade de seus princípios com as noções de Moderno.

Nessa abordagem sobre a questão do islã segue-se o próximo capítulo, que aborda a pensadora Fatema Mernisse, natural de Marrocos, escrito por Isabelle Somma de Castro. Diferentemente do capítulo anterior, Fatema Mernisse buscou uma abordagem da questão do feminismo em seus escritos e mostrou como o judaísmo, o cristianismo e o islamismo são igualmente repressivos no que tange às mulheres em suas sociedades.

Ousmane Sembène é o centro das discussões apresentadas por Silvio Marcus de Souza Correa a respeito das obras cinematográficas desse importante cineasta natural de Senegal. Silvio Marcus mostra como as produções culturais africanas têm um espaço ainda marginal no Brasil. De acordo com o historiador, as obras

literárias e cinematográficas ajudam a pensar os problemas do continente africano e buscam criar uma tomada de consciência das suas populações, perspectiva defendida pelo cineasta senegalês. Em suas produções, Ousmane Sembène interpenetrou a relação entre literatura e cinema na problemática africana. Participou ativamente de manifestações e greves contrárias às guerras da Indochina e da Argélia e acreditava no poder transformador da sociedade por meio da literatura.

No texto seguinte, escrito por Amailton Magno Azevedo, sobre Fela Kuti e o *afrobeat* aborda-se o legado político, estético e musical desse artista oriundo da Nigéria. A trajetória de Fela mostrou os impactos que o colonial e o pós-colonial trouxeram ao longo de sua produção. Ao mudar-se para os Estados Unidos, integrou novos estilos musicais, instrumentos e ideais inspirados nos discursos nacionalistas negro norte-americano. Possuía uma forte admiração por Malcom X, e a música negra americana contribuiu para a configuração do estilo conhecido como *afrobeat*.

O escritor nigeriano Wole Soyinka, ganhador do Nobel de Literatura em 1986, é o foco do texto de Divanize Carbonieri. Soyinka escreveu poemas, romances, peças de teatro, memórias, contos e ensaios nos quais a temática das tradições e a cultura africana são seus principais objetos. Assim como outros intelectuais abordados na coletânea, foi um crítico do movimento Negritude devido ao enfoque dado aos estereótipos que confirmariam o suposto caráter primitivo do continente africano e menos intelectual dos negros. De acordo com Carbonieri, ele é um pensador que falou de dentro da sua cultura, mas ao mesmo tempo de fora, como alguém totalmente não pertencente àquele mundo.

Washington Santos Nascimento aborda a trajetória intelectual do escritor e militante político angolano Uanhenga Xitu. De acordo com Nascimento, ele foi um pensando em constante trânsito e teve um importante papel na resistência ao colonialismo português e na construção do Estado angolano pós-independência. Foi um autor que pertenceu a diferentes movimentos literários e criticou as técnicas romanescas, a escrita e estratégias discursivas europeias presentes nas literaturas contemporâneas. Pertenceu aos quadros do Movimento pela Libertação de Angola (MPLA) e conseguiu ter uma socialização com outros intelectuais angolanos como Luandino Vieira e Antonio Jacinto.

Nesse horizonte de escritores presentes na coletânea, o próximo texto de Tania Macedo aborda o autor Mia Couto. Nascido em Moçambique, foi uma importante testemunha das profundas mudanças de seu território e participou delas. Em seus escritos literários, engajou-se nas questões como nacionalismo, devastação causada pela Guerra Civil Moçambicana e as condições

dos subalternos. Pertenceu ao quadro administrativo de Moçambique por um período, mas posteriormente se separou do discurso oficial da Frente de Libertação de Moçambique (FRELIMO). Ainda é um intelectual muito ativo na vida pública do seu país.

No capítulo seguinte, a escritora nigeriana Chimamanda Adichie é abordada por Izabel de Fátima Brandão. Chimamanda faz parte da terceira geração de escritores nigerianos e tem uma grande trajetória intelectual e de engajamento nacional e internacional. Em seus escritos percebemos diversos pontos progressistas, e ela ficou mundialmente conhecida com sua fala *Perigo de uma história única*. Para a intelectual nigeriana, a literatura é uma importante ferramenta de transformação e ação política que deve ser disseminada pelo mundo.

Pepetela é o intelectual escolhido por Silvio Carvalho na seção seguinte. Os escritos desse autor angolano foram fundamentais para conhecimento do seu país na segunda metade do século XX e no início do século XXI. Pepetela teve contato com os escritos filosóficos de Marx, Proudhon e outros pensadores do campo marxista e no campo literário com os textos do brasileiro Jorge Amado. Participou das administrações políticas de Angola sob o comando do MPLA e foi fundador da União dos Escritores Angolanos. Tornou-se posteriormente crítico do autoritarismo do MPLA, mas também não apoiou outros movimentos guerrilheiros no país. Silvio Carvalho, em seu texto, demonstra como um intelectual se torna indispensável para entender momentos decisivos da sociedade e da política nacional.

Posteriormente, a trajetória de vida de Amílcar Cabral é analisada sob a ótica de Fábio Barqueiro Figueiredo. Cabral é considerado o pai de duas nações africanas (Cabo Verde e Guiné-Bissau). Durante a juventude, realizou seus estudos na Casa dos Estudantes do Império (CEI) e teve contanto com outras lideranças revolucionárias de Angola, Moçambique e São Tomé e Príncipe. Foi um ferrenho crítico do Estado Novo Português e de suas mazelas nos territórios coloniais em África. Fábio Barqueiro assinala as polêmicas e mistérios em torno da morte deste líder revolucionário, que pode estar amarrada a conflitos étnicos-tribais e de construção do Estado Nacional em África.

O último capítulo, escrito por Muryatan Barbosa, é dedicado à trajetória do pensador Frantz Fanon e salienta a trajetória de estudos sobre esse intelectual que lutou pela libertação da Argélia. Fanon foi um dos pioneiros a analisar a relação de violência, racismo e colonialismo e demonstrar como os processos de resistência existe uma racionalização. Além disso, mostrou que as lutas populares pela emancipação dos países africanos são as verdadeiras independências, ao contrário das libertações negociadas que eram consideradas por ele como falsas. Até os dias atuais, esse filósofo, que nasceu em Martinica, é um dos principais

precursores dos chamados estudos culturais e pós-coloniais.

Na *Palavras finais*, Silvio Carvalho e Washington Nascimento mostram que os intelectuais abordados na obra foram ícones em seus momentos históricos dentro de uma estrutura de pensamento que produzia conhecimentos hegemônicos. Esses intelectuais são pioneiros e desenvolvem suas abordagens dentro dos estudos pós-coloniais e decoloniais. Além disso, os autores percebem pontos em comum na trajetória destes pensadores, como, por exemplo, a formação em missões religiosas, e sofreram influências do movimento pan-africanista e do movimento negritude.

A obra *Intelectuais das Áfricas* traz uma problemática extremamente contemporânea para pensarmos o continente africano: o papel do intelectual dentro da sua sociedade. A partir de suas inquietações, percebemos que é um livro cuja leitura se faz necessária pelos pesquisadores dos Estudos Africanos no Brasil. É uma obra ímpar, ao trazer trajetórias de diferentes pensadores na escrita de importantes africanistas brasileiros.

Sem dúvidas, será uma obra que precisará de novas edições para o acréscimo futuro de outras figuras do campo da intelectualidade africana. No entanto, em sua configuração atual, ela já responde a uma importante demanda sobre a necessidade de estudos no país a respeito das trajetórias de vida de figuras ilustres da África.

Em um momento histórico oir que o Brasil passa, com desmanche de investimento em verbas em educação, falta de recursos em pesquisas e crítica aos seus centros universitários por parte do governo, uma obra que pense o papel dos intelectuais em outras partes do mundo ajuda a compreendermos o nosso papel de pensadores no país!

Referências

- BOURDIEU, Pierre. 1989. The corporatism of the universal: the role of intellectuals in the modern world. *Telos*, 81:99.
- CARVALHO FILHO, Silvio de Almeida; NASCIMENTO, Washington Santos (org.). 2018. *Intelectuais das Áfricas*. Campinas, SP, Pontes Editores.
- CHAUÍ, Marilena. 2006. Intelectuais engajados: uma figura em extinção? In: Aduino NOVAES, *O silêncio dos intelectuais*. São Paulo, Companhia das Letras, pp. 19-43.
- GRAMSCI, Antonio. 1979. *Os intelectuais e a organização da cultura*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira.
- SAID, Edward. 2005. *Representações do intelectual*. São Paulo, Companhia das Letras.
- SILVA, Augusto Santos. 2004. Podemos dispensar os intelectuais? In: Isabel MARGATO; Renato Cordeiro GOMES (org.), *O papel do intelectual hoje*. Belo Horizonte, Editora UFMG, pp. 30-42.
- WALTY, Ivete; CURY, Maria Zilda. 2009. O intelectual e o espaço público. *Revista da ANPOLL*, 1(26):223.

Submetido em: 15/09/2021

Aceito em: 10/08/2021